



*Outorga do Título de Professor Emérito a*

---

*Boris Chnaiderman*

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

REITOR: Prof. Dr. Adolpho José Melfi  
VICE-REITOR: Prof. Dr. Hélio Nogueira da Cruz

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DIRETOR: Prof. Dr. Sedi Hirano  
VICE-DIRETORA: Profa. Dra. Eni de Mesquita Samara

**CERIMÔNIA DE OUTORGA DO TÍTULO  
DE PROFESSOR EMÉRITO**

Prof. Dr. *Boris Chnaiderman*

**SAUDAÇÃO PROFERIDA POR**

Profa. Dra. *Aurora Fornoni Bernardini*

Serviço de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

---

C415 Cerimônia de outorga do título de Professor Emérito: Prof. Dr. Boris Chnaiderman.

São Paulo: SDI/FFLCH/USP, 2002.

20 p.

Discursos por Aurora Fornoni Bernardini, Boris Chnaiderman, Francis Henrik Aubert

ISBN 85-7506-086-4

1. Ensino Superior 2. Universidade (Questões Gerais) I. Bernardini, Aurora Fornoni II. Chnaiderman, Boris III. Aubert, Francis Henrik IV. Série

CDD 378

# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	7
--------------------	---

Arlete Orlando Cavaliere

DISCURSO DE SAUDAÇÃO .....	9
----------------------------	---

Aurora Fornoni Bernardini

DISCURSO PROFERIDO QUANDO DA ENTREGA DO TÍTULO DE PROFESSOR EMÉRITO .....	21
--	----

Boris Chnaiderman

CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	23
----------------------------	----

Francis Henrik Aubert



## APRESENTAÇÃO

Fazer esta apresentação à edição dos discursos proferidos por ocasião da cerimônia de outorga do título de Professor Emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo ao Prof. Dr. Boris Chnaiderman, realizada em 16 de agosto de 2001, constitui para mim, a uma só vez, uma grande honra e, sobretudo, uma profunda emoção.

Honra porque, na qualidade de chefe do Departamento de Letras Orientais, cabe-me o privilégio de fazer reter na memória histórica desta Faculdade a importância do Prof. Dr. Boris Chnaiderman e de sua luta para a existência, e mesmo sobrevivência, não apenas do Curso de Russo, do qual foi fundador, mas também do próprio Departamento onde atuou como professor e pesquisador e que defendeu com obstinação até a sua aposentadoria. Departamento este que hoje se orgulha, mais do que nunca, de tê-lo como seu Professor Emérito.

Não será preciso, por certo, deixar aqui registrado o papel fundamental que o professor e o intelectual Boris Chnaiderman exerceu no Brasil na área dos estudos literários e comparados em geral e, particularmente, no âmbito dos estudos de literatura e cultura russa e soviética. As suas atividades de docência e pesquisa, as de crítico literário, ensaísta e tradutor renomado, e ainda a figura humana excepcional, enfim, a excelência de uma carreira acadêmica exemplar, tudo isto é por toda a comunidade acadêmica por demais reconhecido e vem expresso, com justa homenagem, na bela saudação proferida pela Profa. Dra. Aurora Fornoni Bernardini, texto incluído nesta edição e que vem logo a seguir.

Mas resta falar de minha emoção profunda e muito pessoal. Ela advém do fato de ter conhecido o Prof. Boris, como nos habituamos a chamá-lo, ainda como aluna do Curso de Graduação de Língua e Literatura Russa desta Faculdade.

Muito jovem pude ter contacto, através de suas aulas e de seus ensinamentos, com uma nova língua, um novo alfabeto, com tantos autores russos, romancistas, poetas, artistas, teóricos da literatura, lingüistas, que vinham conformar em mim um outro substrato cultural.

Epicentro de minhas referências acadêmicas e intelectuais, meus cursos de literatura russa com o Prof. Boris Chnaiderman, na graduação e depois na pós-graduação, passaram a ser uma referência obrigatória e foram determinantes para futuras cogitações intelectuais e para a estruturação de minha vida profissional.

Ao Prof. Boris, mestre de ontem, de hoje e de sempre, devo muito de minha formação e devo, acima de tudo, o agradecimento sincero do discípulo. Todos nós, colegas, professores, alunos, ex-alunos e especialistas que ele formou no decorrer de todos esses anos somos tributários de sua generosa dedicação.

E, parafraseando o seu discurso, proferido quando da cerimônia de entrega do título de Professor Emérito, posso afirmar também, “sem nenhum recurso retórico” que fomos nós que recebemos muito mais do que demos.

Resta-nos, por isto mesmo, um desafio. Porque sendo a trajetória do Prof. Boris Chnaiderman um exemplo modelar, cabe-nos também a tarefa de dar continuidade ao trabalho do Mestre e tecer a costura das gerações passadas e futuras.

Profa. Dra. Arlete Orlando Cavaliere  
Chefe do Departamento de Letras Orientais



## DISCURSO DE SAUDAÇÃO

Profa. Dra. Aurora Fornoni Bernardini  
Docente do Departamento de Letras Orientais

**C**onheci o Professor Boris Chnaiderman na década de sessenta. Primeiro pelos inúmeros artigos sobre literatura russa, que ele escrevia no Suplemento Literário do jornal *O Estado de São Paulo*, pelos quais eu, ainda colegial e já cativada por aquele estranho mundo de estepes nevadas e corações ardentes, me sentia fascinada. Depois, em 1963, como aluna do Curso Livre de Língua Russa, que havia sido iniciado por ele na USP e no qual eu me havia matriculado, após terminar a licenciatura em Anglo-Germânicas.

Era uma época de intensas leituras e buscas espirituais em que cada um de nós procurava sua explicação das contradições desse mundo. Era uma época, também, de grande efervescência para os estudantes da USP da Maria Antônia, em frente ao Mackenzie. Política universitária, JUC, POLOP, AP, PC, reuniões, congressos, ampliações, composições, demonstrações, chapas, bancadas, aparelhos: a nomenclatura é vasta. Aprendíamos as primeiras lições práticas da democracia e nos preparávamos para ir ao Norte, nas férias, alfabetizar uma comunidade pelo método de Paulo Freire, quando se deu o golpe. Não foi propriamente uma surpresa. Indícios houve, e muitos, mas não queríamos acreditar. O resto é sabido.

Obviamente, para quem lidasse com qualquer coisa referente à Rússia, naquele tempo, a probabilidade de vir a ser interpelado era apenas um pouco maior. Lembro-me do pasmo que nos acometia quando ouvíamos as informações da queima de livros russos em praça pública, do fechamento das poucas livrarias que os importavam, das buscas nos apartamentos e nas universidades: como entender esse fato, da noite para o dia?

Em 1969, já como auxiliar de ensino, encontrava-me uma noite no Prédio de História e Geografia da Cidade Universitária, (para lá haviam sido mudados os cursos da

Maria Antonia, após a invasão do “pessoal” do Mackenzie, em 1968), quando começou a correr a voz pelas salas de que o Professor Boris havia sido preso. Suspendemos imediatamente as aulas e corremos para o grande pátio interno do prédio. De fato, parecia que estavam procurando alguém entre os alunos, ou podia ser simplesmente uma missão de intimidação, como muitas outras. Um dos militares, disse: “Parece que o professor se alterou e foi recolhido ao DOPS”. À essa altura, alguns dos alunos que estavam assistindo à aula dele, já tinham chegado ao pátio e nos haviam contado o acontecido. O Prof. Boris estava escrevendo na lousa, quando entrou na sala um grupo de militares armados, para efetuar a tal “busca”. Ao que o Prof. Boris simplesmente observou: “Nós estamos aqui com giz e apagador e os senhores vêm interromper a aula armados de metralhadora?” Conhecedora da extrema calma do Prof. Boris e de sua coragem moral, tive certeza de que era essa a “alteração” a que se referira o militar e que, portanto, era possível insistir para que o professor fosse “libertado” o quanto antes.

Procuramos o chefe da operação e lhe repetimos a versão relatada pelos estudantes, tentando fazer com que ele aceitasse que se tratava de uma mera constatação e jamais de uma provocação. O professor Boris, jamais faria uma coisa dessas.

Relutando, mas depois convencido pela insistência e pelos apelos dos alunos que se haviam juntado, um dizendo que a mulher dele estava em casa passando mal, outro que a filha estava chorando, o fato é que o capitão nos disse: “À meia noite podem vir buscá-lo”. Decidimos que alguns de nós iriam até a casa do professor para tranqüilizar a família e que eu tentaria ir buscá-lo à meia noite no DOPS. De fato, assim foi. Naquela época, usava-se avental para dar aula, e eu me lembro que naquele avental branco, sentia-me como numa armadura, de modo que me apresentei numa das salas mal iluminadas do andar térreo daquele mal afamado prédio, como se estivesse fazendo algo rotineiro e reconhecidamente regular. Disse ao funcionário que me atendeu que vinha autorizada pelo Capitão X (não me lembro de seu nome), que nos assegurara que à meia noite poderíamos levar o Prof. Boris Chnaiderman, o qual tinha estado prestando depoimento numa das dependências do local. O funcionário disse-me que esperasse e quando saiu

pela porta da parede dos fundos, de sinistros tijolos vermelhos meio carcomidos pelo tempo e pelo descuido, só então reparei como ele era grande e estranho. Um torturador? Perdi-me por algum tempo nessas fantasias, quando ele voltou e com um ar sensibilizado me disse: “Parece que não será possível a senhora levar o professor. Parece que ele se alterou”. Então, passei a insistir, muito pacata, mencionando várias vezes a família, os filhos pequenos, a cordura, o sentido de dever e dignidade do professor e, principalmente, insistindo na palavra dada pelo capitão, que havia participado da “operação”, presenciando tudo o que eu dizia, e que havia garantido a soltura da “testemunha”, a quem pedi para ver, antes de ir embora. Passou-se mais de uma hora de espera, depois da qual, pela mesma porta do fundo, entraram o funcionário e outra pessoa em mangas de camisa, pessoa esta que se dirigiu a mim nesses termos: “A senhora está procurando o professor vestido assim, igualzinho a senhora? Pode ir, ele está lá”. Como ele apontava para os lados da Estação Sorocabana, agradei cheia de gravidade e saí, a pé mesmo, no meio da neblina daquela hora da madrugada. Dei uns cem passos, bastante incrédula e já estava desistindo, quando o Prof. Boris despontou na praça como do meio das nuvens, de cachecol e avental branco. Fomos para o carro, onde, com a maior naturalidade, contou-me que realmente fora interrogado, mas que, quando quiseram que ele provasse seu patriotismo, se não me falha a memória, cantando o hino nacional, ele respondeu, calmamente, que a maior prova de patriotismo, ele havia dado antes que eles nascessem, como expedicionário da FEB, quando fora voluntário com os pracinhas brasileiros lutar na Itália. Diante de respostas desse teor, o interrogatório durou pouco. Ele dobrou seu cachecol, colocou-o embaixo da cabeça e preparava-se para dormir, quando vieram dizer-lhe que ele podia ir e que agora estava tudo em ordem.

Da mesma forma que eu compartilhava com o Prof. Boris a paixão pela literatura russa, aproximava-nos muito o interesse pela Itália de onde eu viera e que ele conhecera *in loco* durante a resistência ao *fascismo*, como sargento de artilharia da FEB (controlador vertical de tiro), nos últimos meses da Segunda Guerra. Foi com sofreguidão, que comecei a ler *Guerra em Surdina*, ainda na sua primeira edição, da Editora Civilização Brasileira.

Lembrava-me dos nomes das cidades de Nápoles para cima, até o vale do Pó (Pozzuoli, Tarquinia, Civitavecchia, Vada, Castiglioncello, Rosignano Marittimo, Ripabella, Pisa, Lucca, Fiano, Barga, Castelnuovo di Garfagnana, Silla Porretta Terme Pistoia, Monte Castello, Pieve di Cascio, Bellavista, Belvedere, Montese, Gaggio Montano Zocca, Vignola, Parma, Quattro Castelli, Fiorenzuola d'Arda, Pavia, Piacenza, Cremona) e finalmente, finda a guerra, Milão e as cidades da Costa Azul, por onde a sua unidade tinha andado quando eu ainda era uma recém-nascida. Queria confrontar suas experiências com as minhas lembranças e preciso dizer que muito me surpreendeu, na época, a minuciosa sobriedade com que o livro fora escrito.

Essa mesma sobriedade fora encontrada pelos componentes de sua banca de Doutorado. Ao analisar seu trabalho *A Poética de Maiakóvski através de sua prosa*, (publicado em 1971 pela Ed. Perspectiva, com o mesmo nome), lembro que Rui Coelho se admirara com a modéstia do candidato, sóbrio a tal ponto “de esconder sua tese nas notas de rodapé!”. Não apenas para nós, estudiosos de literatura russa, o livro de Maiakóvski foi uma sensação. Sucediavam-se discussões, referências e até espetáculos inspirados na autobiografia sintética *Ia sam* (Eu mesmo), na sua relação com Lili Brik, nas suas entrevistas. Numa delas, concedida a Michael Gold, escritor norte-americano conhecido na época (1925), ainda confiante no futuro glorioso do cubo-futurismo, dizia o poeta: “A arte deve ter uma destinação determinada. E eis a lei da nova arte: nada de supérfluo, nada sem destinação. Eu arranquei da poesia as vestes da retórica; eu voltei ao essencial. Estudo cada palavra e o efeito que desejo produzir com ela sobre o leitor: é o que fazem as pessoas que escrevem os anúncios de vocês. Eles não querem gastar em vão uma só palavra – tudo tem que ter sua destinação”. Se por um lado, isso prenunciava a percepção da repercussão que haveria de ter no mundo, o tipo de propaganda americano “centrado no produto”, por outro, levava a um texto de que o Prof. Boris gostava muito: “Como fazer versos?”, o ensaio teórico mais longo de Maiakóvski, onde ele analisava os dados indispensáveis para um trabalho poético e que Boris Chnaiderman (só mais tarde seu sobrenome passou a ser grafado Schnaiderman), gostava de sintetizar com um verso do poeta, “*eu piso a garganta de meu canto*”.

A colaboração entre os “Irmãos Campos” e Boris Chnaiderman tem sido um capítulo muito importante em nossa vida acadêmica. A partir da publicação, pela Editora Civilização Brasileira, de sua principal obra escrita em colaboração (ora o Prof. Boris realizando a tradução linear que seria retrabalhada, ora revendo a re-criação dos poemas) *Poesia Russa Moderna*, em 1968, a poesia russa – talvez a maior de todas as artes russas – como lembra o professor no prefácio, tornou-se de algum modo artigo de exportação, no Brasil. De Alexandr Blok a Guenádi Aigui, as traduções têm encantado gerações. Desfilam sob nossos olhos atônitos os simbolistas, os futuristas, Velimir Khlébnikov com seus poemas decisivos como “Encantação pelo riso”, “Bobéóbi”, “Louvação do Ele”; Maiakóvski, com “Lilitchka!” e “Balaláika”; Pasternak, com seu “Hamlet”, na re-criação definitiva de Augusto de Campos, que todos decoramos:

*O murmúrio cessou. Subo ao tablado*

*Apoiado ao umbral da porta.*

*Procuro distinguir no eco apagado*

*Os desígnios de minha sorte.*

*A penumbra da noite me devassa*

*Por trás de mil binóculos iguais.*

*Se for possível, Abba, meu pai,*

*Afasta de mim essa taça.*

*Amo a Tua obstinada trama*

*E aceito o papel que me foi dado.*

*Mas agora representam outro drama.*

*Ao menos dessa vez, deixa-me de lado.*

*Mas a ordem das cenas foi prevista*

*E a estrada chega fatalmente ao fim.*

*Estou só. Tudo afunda em farisaísmo.*

*Viver não é passear por um jardim.*

E Marina Tzvetáieva, a quem conheci primeiramente na re-criação de seu poema por Haroldo de Campos, “A Vladímír Maiakóvski”, que inspirou minha Tese de Livre-Docência:

*Acima das cruzes e dos topos,  
Arcajo sólido, passo firme,  
Batizado à fumaça e a fogo.  
Salve, pelos séculos, Vladímír!*

*Ele é dois: a lei e a exceção,  
Ele é dois: cavalo e cavaleiro.  
Toma fôlego, cospe nas mãos:  
Resiste, triunfo carreteiro.*

*Escura altivez, soberba tosca,  
Tribuno dos prodígios da praça,  
Que trocou pela pedra mais fosca  
O diamante lavrado e sem jaça.*

*Saúdo-te, trovão pedregoso!  
Boceja, cumprimenta e ligeiro  
Toma o timão, rema no teu vô.  
Áspero de arcajo carreteiro.*

E, depois, os construtivistas, os formalistas, os inconformistas... Este filão da poesia russa tem sido levado adiante com grande desvelo por Boris Chnaiderman, que publicou há pouco, pela Ed. 34, em 1999, com Nelson Asher, uma coletânea de poemas de Aleksandr Púchkin e mais a tradução revista de grande parte de sua prosa: *A Dama de Espadas - Prosa e Poemas*, premiado com o Jabuti daquele mesmo ano.

Aleksandr Púchkin, Fiódor Dostoiévski, Liev Tolstói, Anton Tchékhev... Os grandes clássicos da literatura russa têm sido revisitados com uma atenção sempre maior pelo Prof. Boris e seus orientandos. Lembramos aqui, tão somente, os primeiros que foram alunos do Curso de Russo: Helena Sprindys Nazário, com um trabalho sobre Púchkin e *A Filha do Capitão* (publicado pela Ed. Perspectiva); Iasna Paravich Sarhan com uma Tese sobre “A Dama de Espadas”; Rubens Pereira dos Santos com “As reminiscências de Máximo Górkki sobre Tolstói” (publicadas em 1983 pela Perspectiva com o título de *Leão Tolstói*); Paulo Dal Ri Perez com uma tese sobre *A enfermaria n.6* de Tchékhev; Sophia Angelides com a correspondência de Tchékhev (publicada, em parte, pela EDUSP, como *A. P. Tchékhev: Cartas para uma poética*, em 1995).

Quanto a Dostoiévski, além das traduções que marcaram nossa época e dos inúmeros artigos, ele foi objeto de um dos primeiros cursos de pós-graduação, de análise das estruturas narrativas, em Teoria da Literatura e Literatura Comparada, ainda na década de 1970, em que o responsável era Boris Chnaiderman. O programa “Os contos de Dostoiévski” era subdividido em 12 tópicos, cujo sumário ainda guardo:

1. Características gerais da arte narrativa de D. e sua relação com a ficção da época. Traços comuns e traços distintivos. D. e o “ensaio fisiológico” russo. D. e o romantismo. Púchkin, Gogol e D. O autor acompanha a evolução do realismo psicológico do século XIX, mas, desde as suas primeiras obras, fornece elementos para a superação deste.
2. “O Senhor Prokhardtchin”, um dos núcleos iniciais da moderna literatura do “fluxo de consciência”. O problema do tempo nesse conto. O monológico, o dialógico e o “polifônico”, na base desse texto.
3. “A senhoria” e sua problemática específica. Pode-se falar, no caso, de “conto mal realizado?” A importância de uma análise estilística dessa narrativa, com ênfase especial sobre as expressões arcaizantes.
4. O “Romance em nove cartas”, como exemplo do humor dostoiévskiano.
5. “A mulher alheia e o homem embaixo da cama”. Qual a função, na obra dostoiévskiana, de uma obra na aparência tão anedótica, inspirada em Paul de Kock?

6. “Um coração fraco” - entre a caricatura e o protesto social. “Polzunkóv” - o bufão na obra de D. “O ladrão honrado”. Os oxímoros dostoiévskianos. A visão do mundo que se manifesta por meio desta figura.

7. “A árvore de Natal e um casamento”. “Noites brancas”. O mundo estranho de Petersburgo e sua marca na obra de Dostoiévski. “O pequeno herói” - a visão parodística e polifônica de D. (no sentido de Mikhail Bakhtin) permite-lhe profunda penetração psicológica, muito além das limitações da ciência da época.

8. “Uma anedota ordinária”: o satírico e o anedótico se enquadrariam, nesse conto, num plano mais elevado? O conto inacabado “O crocodilo” - as situações-limite e as demonstrações pelo absurdo.

9. “Ela era doce e humilde” e sua estrutura revolucionária.

10. “O menino e o Natal de Cristo”, exemplo da complexidade essencial de D.: O reacionário por excelência escreve um conto tremendamente subversivo na época. Relação deste fato com os oxímoros e com a paródia dostoiévskiana.

11. “Bobók”, conto que dá a chave de muitos processos narrativos de D. “Sonho de um homem ridículo”. “O Mujiqe Maréi”. Os “contos intercalados” nos romances de D. e sua função específica. Relação com a “sátira menipéia”. Uma visão múltipla e probabilística do mundo.

12. O ficcionista que intervém na própria atividade jornalística de D. A recriação da realidade, sua apresentação multifacetada, era inerente a todos os momentos da vida do escritor; o exemplo patético de seus depoimentos como acusado de conspirar contra o governo, ameaçado com a pena de morte.

Este curso acompanhou a tese de Livre-Docência de Boris Chnaiderman: “Dostoiévski entre a Prosa e a Poesia”, depois transformado no livro da Ed. Perspectiva *Dostoiévski - Prosa Poesia* (que recebeu o prêmio Jabuti de 1982), onde o autor, exemplificando com a tradução de “O senhor Prokhartchin” – um conto de 1846, escrito



quando Dostoiévski tinha 26 anos – defende a tese da ligação entre a linguagem poética e o universo ficcional dostoiévskiano e, do ponto de vista da teoria da tradução, mostra como é essencial conseguir recriar o espírito e mesmo, muitas vezes, *a forma* do original.

Entre as muitas e insubstituíveis traduções de Boris Chnaiderman, está a de *Khadji-Murat* (Cultrix 1986), uma novela de Tolstói à qual ele se refere neste livro, que para nós ficou conhecido sinteticamente como *Prosapoesia*. “Toda esta novela está construída sobre uma metáfora: no início, o autor conta como certa vez, regressando para casa através dos campos recém-lavrados, viu um tufo de flor, que fora pisado por uma roda, mas se erguera, persistente em seu afã de vida. ‘Lembrei-me então, de uma velha história caucasiana, que presenciara em parte e que eu completei com o depoimento de testemunhas oculares’. Segue-se depois – diz Boris – a história de Khadji-Murat, o chefe caucasiano rebelde, morto no fim. ‘E esta foi a morte que a bardana esmagada, em meio do campo lavrado, me fez lembrar’”.

Esta novela compacta, de estrutura fechada, embora em diversos planos, construída em volta da “vitalidade humana, em luta contra a opressão e a violência dos mais fortes”, quando comparada ao mundo caótico dostoiévskiano de, digamos, “Os Irmãos Karamazov”, seria, segundo Bakhtin, citado por Boris, um exemplo do monologismo de Tolstói X o dialogismo de Dostoiévski, ligado à polifonia. E aqui, entram as reflexões de Boris sobre a evolução do próprio Bakhtin, a quem teve oportunidade de conhecer pessoalmente, por ocasião de sua visita a Pierediélkino, em 1972.

Em sua coletânea de ensaios sobre Dostoiévski e Bakhtin, *Turbilhão e Semente* (Duas Cidades, 1983), o autor acompanha as modificações das visadas de Bakhtin em relação à obra de Tolstói, particularmente no texto “A palavra no romance”, escrito desde 1934, mas publicado na íntegra em 1975 (em português, saiu em *Problemas de Literatura e de Estética*, Hucitec, 1988). Diz ele: “Se um leitor acompanha a obra de Bakhtin em seu desenrolar, (...) torna-se claro que, para o teórico, no conjunto de seus trabalhos, existem diferentes níveis de dialogismo e, assim, a ênfase no Tolstói monológico, no pregador religioso e social, não elimina o fato de que há em sua ficção um dialogismo bem evidente,

como na obra de qualquer grande escritor, conforme Bakhtin passa a admitir, quando deixa de lado a dicotomia estabelecida no livro sobre Dostoiévski”.(p. 72). E ainda, na mesma página: “Em mais de uma ocasião, Bakhtin manifestou violenta oposição ao Formalismo Russo, mas a ocorrência de elementos teóricos desta corrente no livro sobre Dostoiévski (*Problemas da Poética de Dostoiévski*, que saiu pela Editora Forense-Universitária em 1981, na tradução de Paulo Bezerra) é de uma evidência palmar. A própria noção de dialogismo já fora expressa nas discussões da época”. Então, Boris cita Iakubínski e “As caretas do diálogo”, Vinogradov e seu livro sobre Anna Akhmátova e o fundamental *Gógol e Dostoiévski – Para uma teoria da paródia* de Iúri Tynianov.

Aqui está um exemplo de Boris Chnaiderman crítico, atento, cuidadoso, refratário às paixões súbitas que levam à adesão ou rejeição imediatas. Sabe estabelecer relações e discutir com os autores, e uma vez feito o balanço, reconhecer o que eles têm de mais ou menos válido.

Isso pode ser notado com igual clareza no último livro de Boris Chnaiderman *Os escombros e o mito – A cultura e o fim da União Soviética* (Companhia das Letras, 1997). Iniciado sob o impacto do processo da glasnost e retomado depois de várias tentativas abandonadas, o livro é uma reflexão sobre os últimos anos da vida cultural soviética. Fruto de pesquisas minuciosas, inclusive em várias bibliotecas européias, retrata, nas primeiras páginas, o impasse no qual se encontra, ainda hoje, a ex-URSS. Segue um excerto de 1991, de um texto do escritor Anuar Alimjanov, por ele citado: “Minha geração foi educada, desde o nascimento, na base dos planos quinqüenais, e nós não duvidávamos de que, a cada quinqüênio ficávamos mais próximos do único objetivo sagrado – o comunismo. Mas, o último quinqüênio destruiu todas as ilusões, mesmo entre os idealistas mais firmes. Admitamos que os ideais eram mentirosos, mas ainda assim, a provação é difícil; perdeu-se a fé que nos fazia viver, foi colocada uma cruz em cima dos objetivos para os quais avançávamos”. E, concluindo, com uma intervenção do mesmo escritor, doze meses depois, na última sessão do Soviete Supremo da URSS: “Nós sabemos o que perdemos. Mas ainda não temos consciência do que vai acontecer”.

Quase renunciando a constatação de Boris, em face ao caos cultural: “Os mesmos expoentes da intelectualidade que estiveram empenhados durante muitos anos

na preservação dos valores morais contra a barbárie institucionalizada, lutam agora pela preservação daqueles valores diante das ameaças de um capitalismo predatório. Mas, conforme notícias recentes, a situação agravou-se ainda mais com a inundação do mercado por *best-sellers* americanos, livros de pornografia, horóscopos etc. Alguns correspondentes estrangeiros chegaram a afirmar que o livro de cultura tinha simplesmente acabado na Rússia, o que é um exagero evidente, pois um patrimônio cultural como aquele não se anula de uma hora para outra”.

Mas não é apenas da terrível ambigüidade da situação dos escritores soviéticos durante o estalinismo que trata a parte do livro dedicada especificamente à literatura, e aí desfilam Óssip Mandelchtam, Aleksandr Tvardovski, Mikhail Bulgákov e o jdanovismo que, iniciado em 1946, se encarniçou em primeiro lugar, sobre Anna Akhmátova e Mikhail Zóschenko; nem apenas da sanha que se abateu sobre Iúri Oliécha, o grupo dos Oberiúty, Isaac Bábel, Meyerhold e D. S. Mirsky, entre outros, cujo destino todos choramos; nem apenas dos emigrados russos e dos “ressuscitados”: o que o livro traz também é uma riquíssima informação sobre os textos literários aparecidos a partir de 1985.

A famosa literatura “Entre ficção a História” guardada na gaveta, com o advento da Perestroika, difundiu-se mundo afora, e Boris, leitor atento, analisa agudamente a maior parte de seus representantes: Anatóli Ribakóv e “Os filhos da rua Arbát”; Vassíli Grossman e “Vida e destino”; Sacha Sokolóv e a “Escola de bobos”; Andréi Bítov e “A casa de Púchkin”; Vassíli Aksionov e “Sviiásk”; A.M. Piatigórski e “A filosofia de um eco ou História da existência ainda não concluída de um filósofo russo, contada pelo autor e também por alguns outros mais ou menos filósofos russos”; e ainda “*Contos de Kolimá*”, de Varlam Chamalov, que dialoga com “O arquipélago Gulag” de Soljenítzin, os livros de contos e anotações de Andréi Platonov; os cadernos secretos de Mikhail Príchvin; “O arquivo de um escritor” de Constantín Vorobióv, todos os livros de Nabókov e os contos e as crônicas de Daniil Kharms, grande precursor russo da literatura do absurdo. Entre as mulheres, principalmente, os textos de Ariadna Efron, filha da grande poetisa Marina Tzvetáieva, memórias expressivas de Nina Berbiérova, que vão do início

do século até nossos dias; “Itinerário abrupto” de Ievguênia Guínsburg, sobre os campos de trabalho e Lídia Tchukóvskaia sobre o convívio dela com Anna Akhmátova.

“A grande quantidade de depoimentos – considera o autor – faz surgir mais claramente o problema: em que medida podemos confiar no testemunho dos que viveram determinados acontecimentos históricos? (...) Temos, numa forma penetrante, a descrição de fatos reais, mas, isso não anula uma outra realidade: o *pathos* revolucionário daqueles dias, a certeza de que se estava destruindo um mundo de injustiça e opressão. Temos que conviver com o real de uns e de outros e deixar em nossas bibliotecas Bunin ao lado de Maiakóvski. A tragédia de nosso século não pode ser apreendida por um só ponto de vista”. Essa e outras lições, devemos a Boris Chnaiderman.

Quanto ao passado próximo da Rússia, quanto ao futuro, respondendo a uma pergunta que eu mesma lhe fiz: “A Itália não se recuperou dos escombros de quando a conheci? A Rússia também vai se recuperar”.

## **DISCURSO PROFERIDO QUANDO DA ENTREGA DO TÍTULO DE PROFESSOR EMÉRITO**

Boris Chnaiderman

**É** com grande emoção, que recebo este título que me é concedido pela nossa Faculdade. Pondo entre parênteses a solenidade de sessões como estas, aproveitei a ocasião para fazer um exame de consciência e agora chego à conclusão de que recebi muito mais do que dei. Digo isto sem nenhuma falsa modéstia, sem nenhum recurso retórico, mas, simplesmente, pela lembrança do caminho percorrido.

Iniciei em 1960 as minhas atividades como professor do Curso Livre de Russo, quando já estava desligado da profissão de engenheiro agrônomo e trabalhava na redação de uma enciclopédia. Foi simplesmente incrível a boa vontade e o carinho com que fui recebido pelos novos colegas. Completamente ignorante das normas universitárias, fui ajudado em todos os primeiros passos na ocupação nova para mim. Foram muitos os que me apoiaram. No entanto, preciso fazer menção especial ao Prof. Dr. Antonio Candido, que sempre confiou em mim, em todos os momentos me deu mão forte, inclusive naqueles mais duros, e me acolheu entre os seus orientandos, quando isso se tornou indispensável para o ingresso na carreira universitária.

Os anos passados no prédio da Maria Antonia me deixaram profundamente marcado. Vivíamos ali um cotidiano que não vi em nenhuma outra universidade nas viagens que realizei depois. Ainda não se falava em interdisciplinaridade, mas era o que se praticava diariamente. No café da esquina, conversávamos com os colegas das áreas mais diversas, trocávamos experiências e impressões e, certamente, isso contribuiu para a ampliação dos horizontes. Por conseguinte, neste caso pelo menos, a nossa pobreza de recursos materiais, instalados naquele prédio tão precário e inadequado, contribuía para a experiência do verdadeiro espírito universitário. Um simples cafezinho e uma conversa amistosa não valia menos que eventuais encontros em simpósios internacionais.

Seguiram-se anos tristes, dos quais nem gosto de recordar, mas com satisfação constato que, apesar de todas as dificuldades, o curso de russo de nossa Faculdade foi o único que sobreviveu a todas as tormentas, embora, em 1964, existisse cursos desse tipo em diversas universidades do país, surgidos na esteira das conquistas espaciais russas. Não foi fácil, mas o que então sofri era muito pouco em comparação com os sacrifícios de tantos outros colegas. Naqueles anos todos contei sempre com o apoio da Profa. Regina Chnaiderman e dos meus filhos Miriam e Carlos.

Devo também lembrar, da abnegação de tantos que me ajudaram a tocar em frente o Curso de Russo. Tivemos então, a ajuda de jovens que se prontificavam a lecionar sem qualquer remuneração, uma prática realmente condenável, mas da qual não pude me eximir. Alguns deles, estão hoje lecionando em outros setores, mas eu me lembro de todos eles e do quanto eu lhes fiquei devendo em momentos difíceis. Uns poucos, acabaram ingressando nos quadros do curso e deles recebi apoio em todas as ocasiões. Na realidade passamos juntos por um aprendizado difícil em uma área de ensino completamente nova no país. Pudemos realizar algumas viagens de estudo e vendo os resultados que eles atingiram chego à conclusão de que valeu a pena.

Aliás, quero lembrar, com ênfase especial, dois professores que foram meus alunos e depois, sucessivamente, orientandos e colaboradores, e que não estão mais entre nós. Sophia Angelides e Paulo Dal Ri Perez, ambos nos deixaram depois de dedicar o melhor de seus esforços para o desenvolvimento do curso. Sobretudo, foram pessoas de qualidade humana invulgar, além de estudiosos que nos legaram textos importantes. Felizmente, pude continuar trabalhando, corrigindo e melhorando o que deixei publicado.

Nos últimos quinze anos, pude contar com a ajuda constante de minha mulher, a Profa. Gerusa Pires Ferreira, a quem devo tudo que realizei neste período, pois, de outro modo, não conseguiria superar as dificuldades que surgiram. Digo isso sem nenhum exagero. É apenas a constatação de um fato.

Finalizando, devo agradecer a concessão desse título pela Faculdade e a brilhante alocação de minha colaboradora de muitos anos e amiga, Profa. Dra. Aurora Fornoni Bernardini. Muito obrigado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

**E**m algum momento, os Cursos de Russo foram estabelecidos, aqui na USP e em outras instituições, não por razões lingüísticas, literárias ou culturais, mas, provavelmente, motivados por questões de natureza geopolíticas. Hoje, com toda a crise que a ex-União Soviética vem passando, a importância geopolítica desses cursos talvez tenha, apenas aparentemente, se perdido ou não se encontre tão visível. Em compensação, o momento é extremamente favorável aos verdadeiros valores da cultura russa, da língua, da história, da literatura, das artes, dos diversos exemplos do povo russo em todas as suas adversidades que não são apenas do século XIX, XX e XXI, mas remontam de longa data. Pelo menos, dos tempos que os meus antepassados por lá adentraram e resolveram barbarizar – eu sou descendente de Vikings e, por isso, tenho uma percepção clara desse problema. Talvez, esse seja o momento em que todos esses valores encontrem um tempo mais favorável para se manifestar. Eu tenho muita fé, como a Profa. Aurora e o Prof. Boris, que ao contrário do que possa parecer por conta das múltiplas crises, não só na Rússia como no Brasil, este seja o momento que pode se mostrar extremamente frutífero para o resgate dos mesmos.

Por todo o papel que, nesse processo, o Prof. Boris representou e continua representando, por esse trabalho que, muito mais modestamente do que ele, eu também tenho tentado fazer em relação aos países nórdicos - esse difícil papel de ponte, de quem, de alguma forma, é obrigado a deitar raízes em duas culturas e duas visões de mundo diferentes e viver permanentemente em conflito entre essas duas verdades de sua própria pessoa - por todo esse esforço e brilhantismo com que ele conduziu essa difícil tarefa, gostaria em meu nome, em nome da Congregação e da Faculdade como um todo, de fazer o meu mais profundo e sincero agradecimento.

Prof. Dr. Francis Henrik Aubert

Diretor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

<i>Título</i>	Outorga do Título de Professor Emérito a Boris Chnaiderman
<i>Editoração/Criação</i>	Serviço de Divulgação e Informação
<i>Coordenação</i>	Eliana Bento da Silva Amatzuzi Barros
<i>Diagramação</i>	Dorli Hiroko Yamaoka Wiviane Ribeiro do Carmo
<i>Revisão</i>	Lúcia Helena Ferreira
<i>Formato</i>	15 x 21 cm
<i>Impressão</i>	Gráfica FFLCH/USP
<i>Tiragem</i>	200 exemplares